Armas e Armaduras da Era Hiboriana

por Cronistas

"Cavalos e cavaleiros em trajes de batalha... macas, espadas e elmos de cores brilhantes."

Como nos períodos históricos antigos, as armas da Era Hiboriana dividiam-se em duas categorias fundamentais: ofensivas e defensivas. As primeiras eram designadas para ampliar o alcance de um homem contra seu inimigo, as últimas para rechaçar os golpes do oponente. Embora armas e armaduras fossem basicamente uma preocupação de soldados, a decadência e ausência de leis que permeavam o período faziam com que qualquer homem astuto - e muitas mulheres inteligentes - tivesse diversas armas manuais para proteger seus lares, famílias e a própria integridade física.

As mais populares e comuns eram a espada e uma variedade de facas, adagas e punhais. Havia espadas dos mais diversos modelos e tamanhos, desde espadas curtas e cutelos até espadas de dupla empunhadura, espadas de duelo, de guerra e grandes espadas com quase 1,5 metro de extensão e lâminas pesadíssimas. O alfanje, uma espécie de sabre de lâmina curta e larga, ou adaga longa; e a cimitarra, espada de lâmina curva e longa, mais larga na extremidade livre e cuidadosamente afiada, eram também muito usados, embora principalmente como armas de cavaleiros.

Os responsáveis pela forja dessas armas temperavam o ferro a marteladas até convertê-lo em aço, e depois conduziam a arma acabada numa bainha. Nessa etapa de transporte, o artífice empunhava a espada pelo cabo e, às vezes, guardas o escoltavam. Um botão era normalmente aplicado na extremidade do punho para dar equilíbrio adequado à lâmina. Existiam variações de espadas de acordo com as nações, como os sabres orientais ou ocidentais, mas todas serviam ao mesmo propósito - cortar, dilacerar, perfurar e matar.

Os guerreiros, é claro, usavam um grande sortimento de armas, que variavam para os cavaleiros (ou guarda montada) e a infantaria (soldados a pé). Como os hiborianos desenvolveram estribos presos à sela do cavalo por tiras de couro, os cavaleiros conseguiam travar combates montados sem correr o risco de perder o equilíbrio ou cair. A firmeza na cela permitia aos cavaleiros suportar o peso de uma armadura protetora. Cotas de malhas metálicas ligadas por anéis de aço eram as mais comuns, algumas acrescidas de joelheiras e cotoveleiras de metal.

Alguns hiborianos de cavalaria pesada podem ter usado armaduras feitas inteiramente de peças de metal. Embora o conjunto básico de armadura não fosse tão pesado quanto se acredita popularmente - não pesava muito mais que a mochila e os equipamentos de um soldado moderno de infantaria -, ele era desajeitado para se vestir, daí a necessidade de um escudeiro para ajudar seu mestre cavaleiro a colocar a armadura na seqüência correta. Uma armadura típica era vestida na seguinte seqüência: calças justas de pano,

calções e uma camisa de mangas compridas. Sobre ela, uma túnica de couro ou colete acolchoado para evitar a fricção da armadura contra o ombro.

Depois, sobre todas essas peças vestia-se a armadura propriamente dita, com mangas compridas terminando em mitenes de cota, ou manoplas que deixavam as mãos livres. Nos climas quentes, usava-se um manto sobre a armadura para evitar que o sol aquecesse demais, enquanto que, em climas frios, uma capa de pele mantinha o cavaleiro confortável. Uma cota que cobrisse as pernas era chamada perneira, e um capuz usado sobre a cabeça e os ombros era chamado de coifa.

Diversos modelos de elmos acolchoados eram usados sobre a coifa, variando de simples capacetes de aço com proteção para o nariz até elmos completos. Altas cristas podiam adornar um elmo para identificar um cavaleiro durante a batalha. Para limpar as armaduras enferrujadas, os escudeiros as mergulhavam em barris cheios de pedregulhos e areia de cascalho.

As armas manuais dos cavaleiros incluíam a espada e a lança, assim como um machado de guerra ou maça de batalha, uma esfera com cravos de aço, às vezes presa a um bastão por uma corrente. O cavalo de batalha do guerreiro, ou corcel, podia também ser uma arma importante.

Esses cavalos eram geralmente equipados com peitoris, além de couraças sobre o focinho, dotadas de cravos que podiam ser investidos contra o inimigo. Suas ferraduras tinham pontas proeminentes e potencialmente mortais caso o animal fosse empinado sobre um oponente. Porém, o inimigo sempre podia arremessas artefatos pontiagudos de metal – chamados estrepes – no campo de batalha para incapacitar as ferozes montarias.

As principais armas da infantaria eram o arco e flecha e as lanças. O arco mais curto permitia um alcance de aproximadamente 50 jardas, enquanto o arco longo, mais poderoso, quadruplicava essa distância, assim como a balestra.

A principal vantagem do arco longo era a velocidade de disparo, pois a balestra precisava ser recarregada por meio de um estribo, embora fosse mais precisa. As flechas dos arcos longos tinham pontas de metal, enquanto as flechas de balestra eram feitas de madeira e ferro e chamadas de setas. As lanças longas, usadas como defesa contra ataques de cavalaria ou em combates corpo a corpo, variavam em formato e tamanho.

O arsenal pesado hiboriano incluía aríetes, catapultas para arremesso de pedras, torres móveis e uma variedade de escadas. Para sua defesa, os exércitos usavam como cobertura uma grande tela de madeira espetada no solo, ou seguravam grandes escudos sobre seus arqueiros, para protegê-los de disparos ou arremessos de pedras por parte do inimigo.

Armamentos e estratégias de combate distintos desenvolveram-se entre os povos não hiborianos daquela época. As armas padrão entre as tribos bárbaras eram a espada, a lança e o escudo. As esposas dos bárbaros presenteavam seus maridos com armas no

casamento, e eles sempre as portavam consigo, mesmo nos encontros do conselho. Os stígios costumavam usar carruagens na guerra. Os cavalos eram atrelados, havia aljavas para flechas e lanças de arremesso instaladas nas carrocerias. Nos Reinos Negros, as armaduras consistiam freqüentemente de ponchos cobertos com pele de leopardo e elmos feitos de couraças de crocodilos.

Usavam lanças farpadas e arcos tanto para lutar quanto caçar. Espadas curtas eram comuns em combates corpo-a-corpo, enquanto pedaços de ferro munidos de espetos serviam para cobrir maior distância. Porretes de chifre de rinoceronte e escudos de couro de elefante ou hipopótamo eram também populares. Finalmente, os homens de Khitai, no Oriente, empregavam um poderoso arco feito de madeira, osso lascado e tendões de animais.

De: A Era Hiboriana de A a Z
Tradução: Claudio Carina
texto cedido pelo editor Fernando Bertacchini, extraído da revista Conan, o Bárbaro # 29, da Editora Mythos, de julho de 2004.